

# RAS infiltra BA's na região de Gaza

— denuncia publicação do Partido Frelimo

A África do Sul «está a escalar a sua agressão» a Moçambique através de «uma infiltração massiva de bandidos pela fronteira comum com a província de Gaza», diz o último número da «Moçambique Briefing», uma publicação do Partido Frelimo em língua inglesa.

Este número da «Moçambique Briefing», intitulado «As Raízes do Banditismo Armado», recorda as conversações do Presidente Samora Machel (em 11 de Setembro de 1986) com o Presidente malawiano Kamuzu Banda, após as quais o Malawi viria a juntar-se a Moçambique na defesa do Corredor de Nacala.

— Indicações de uma possível mudança de atitude por parte do Presidente Banda levaram a África do Sul a apressar as operações contra a província da Zambezia — a partir de fins de Setembro do ano passado.

— A África do Sul procurou ocupar as duas margens do rio Zambeze e abrir uma rota de abastecimento aos bandidos pelo Oceano Índico. Uma grande invasão da província estava planeada.

A invasão da Zambézia por milhares de bandidos armados em Setembro foi seguida da morte do Presidente Samora quando o avião que o transportava se despenhou em território sul-africano a 19 de Outubro. As autoridades do «apartheid», cujo comportamento antes e após o desas-

tre aéreo foi altamente suspeito, podem ter esperado que a perda do Presidente Machel levaria a uma luta pelo poder em Moçambique e um enfraquecimento da Direcção em Maputo. Se assim foi estão com certeza desiludidos.

A publicação afirma que a década de 80 marcou uma nova fase da desestabilização contra Moçambique pela África do Sul.

Em 1980, pouco antes da independência do Zimbábue, a segurança rodésiana transferiu o pessoal (bandidos) e equipamentos, alguns para o centro de Cullinan perto de Pretória e outros para o Leste do Transval.

— Os recrutas mais aptos foram enviados para o centro de comandos em Durban onde a África do Sul durante vários anos treinara unidades especiais de reconhecimento compostas por angolanos, moçambicanos, zambianos e zimbabueanos assim como por mercenários para operações de sabotagem, lançadas a partir de terra e mar.

A «Moçambique Briefing», afirma

que as operações de desestabilização contra os países da região estão sob o comando do General Van Der Westhuizen (Inteligência Militar) cujos subordinados incluíam o brigadeiro Van Tonder e o coronel Van Niekerk, os oficiais que durante anos dirigiram as operações dos bandidos e agiram como ligação entre os bandidos e a direcção das forças armadas sul-africanas.

O texto, de 24 páginas, liga as operações contra as linhas férreas moçambicanas aos planos de Pretória de tornar a SADCC inoperativa, e atribui o comando da desestabilização aos chefes militares da RAS que se tornaram ainda mais influentes do que os ministros civis na tomada de decisões políticas.

No fim de 1980, após meses de reciclagem dos bandidos herdados do defuncto regime de Smith, nomeadamente na base Zoabastad, o coronel Van Niekerk aconselhou que era a altura de se retomarem as operações em Moçambique.

Antes da assinatura do Acordo de

Nkomati (Março de 1984), diz a publicação, os militares sul-africanos podiam assinalar algumas sabotagens espectaculares, a paralisação de algumas partes da província de Inhambane, mas não tinham conseguido enfraquecer as Forças Armadas de Moçambique ou a determinação da população civil.

Nos finais de 1983 a ofensiva diplomática de Moçambique no Ocidente tinha produzido resultados, e o Governo sul-africano assinalou a sua aparente aceitação do facto de que Moçambique era soberano, e do direito de Moçambique prosseguir a sua própria política de desenvolvimento.

No entanto, ao contrário de Moçambique viu no acordo um engajamento estratégico, para a África do Sul, Nkomati foi apenas um acordo tático, que nunca seria respeitado pelos poderes militares que determinavam a política sul-africana, e que, em última análise, seguiam as directivas do próprio Botha, como Primeiro-Ministro e depois como Chefe do Estado.

A «Moçambique Briefing», afirma que apesar de Moçambique ter feito tudo para dar à África do Sul o benefício da dúvida devido à suposta boa vontade dos políticos, tornou-se cada vez mais claro que o envolvimento sul-africano no banditismo armado tinha sido intensificado, após Nkomati.

A publicação recorda os documentos da Gorongosa e acrescenta: a África do Sul não podia apresentar como figuras periféricas o Chefe do Estado Maior-General Constandt Viljoen, o Chefe das Forças Especiais General André Liebenberg, o General Van Tonder e o coronel Van Niekerk, ligação com os bandidos. Brigadeiro Van Tonder e o Coronel Van Niekerk. Eles estavam colocados no próprio centro do sistema sul-africano e mesmo após a captura dos documentos da Gorongosa foram apoiados por Botha e retidos em postos sensíveis.

17/9/87